

Livros

Wolney Unes

Arthur Nestrovski
Notas Musicais
Editora: Companhia das Letras
Ano de publicação: 2000
240 p.

O livro é uma reunião de artigos publicados na *Folha de S. Paulo*, jornal em que o autor é colaborador. No prefácio, Nestrovski levanta as contradições existentes no ofício daquilo que chama “jornalismo cultural”. Ao passo que o jornalismo pressupõe a imediatez diária implícita no próprio nome, a atividade cultural necessita do amadurecimento – um contraste inconciliável. Essa introdução tem o mérito de explicar – ainda sem justificar – a publicação em um livro (um veículo supostamente perene) de textos escritos para um jornal. O autor informa que os textos foram produzidos “no afã de cumprir os apertados prazos estabelecidos pela redação”, isto é, sem a necessária reflexão inerente à crítica cultural.

A grande maioria dos textos – sempre curtos, com cerca de duas páginas cada – originou-se da audição de lançamentos de gravações em CD. Uns poucos foram motivados por concertos em São Paulo, como é o caso de um recital da austríaca Ingrid Haebler, e outros ainda são comentários de eventos realizados no exterior, como um recital de Maurizio Pollini em Roma. Por isso mesmo, são textos que visam cumprir uma função bem específica: comentar um evento. Por certo os CDs permanecem, mas apenas isso não é justificativa para tornar perene um comentário sobre eles, publicando-o em livro.

Mas, de maneira inteligente, numa tentativa de evitar a descartabilidade dos comentários, Nestrovski dota sua obra de elementos que dão sustentação aos fugazes textos, numa clara tentativa de propor uma história da Música – ou antes, uma espécie de iniciação à Música – a partir de suas avaliações. A opção do autor o leva ao caminho já conhecido da literatura: pela tentativa de estabelecer o cânone ocidental. Qualquer semelhança com as diversas tentativas de estabelecer o cânone literário ocidental é mais que coincidência: do norte-americano Bloom (com seu *How to Read and Why*, de 2000, entre outros), à paulista Leyla Perrone-Moysés (autora de *Altas Literaturas*, de 1998), diversos estudiosos já se preocuparam do assunto. Mas a obra de Nestrovski parece-se mais é com a coletânea *Por que Ler os Clássicos?*, publicada em 1991, que reúne artigos, resenhas e críticas de jornais dos dez anos precedentes do italiano Ítalo Calvino. O caminho para definir o cânone é o mesmo nos dois casos.

O grande clássico moderno das listas de leitura é Ezra Pound, com seu *ABC of Literature*, que apõe deliciosos comentários críticos a cada obra selecionada. E Nestrovski certamente está familiarizado com essas obras, uma vez que fez seu doutorado em literatura, como informa a biografia do autor. É procedimento sempre interessante arejar uma área com a prática de outra. Se na literatura a preocupação com a definição do cânone já ocupou grandes autores, na música é um tipo de preocupação incipiente. Por que

Beethoven? é um tipo de pergunta que pouquíssimos músicos um dia se fizeram. Aceita-se, simplesmente, Bach e Mozart, mas não nos perguntamos por que a obra desses compositores sobreviveu aos tempos.

É certo que uma forma de contestação e não-aceitação do cânone musical são os programas que vêm surgindo nos últimos tempos com peças de autores pertencentes a algum tipo de minoria, tais como negros, mulheres, etc. Ao lado desse tipo de repertório, são também cada vez mais freqüentes os programas, por assim dizer, temáticos, com peças de autores menos conhecidos de um mesmo gênero ou sobre um mesmo motivo. Mas, se o chamado repertório não-visitado aponta uma tendência indireta de fugir dos clássicos, a área de música não tem feito uma crítica sistemática dos cânones estabelecidos. Nestrovski infelizmente também passa ao largo dessa discussão, repetindo o tradicional.

Para leigos, a história da música ou a lista do cânone musical de Nestrovski é obra bastante interessante, principalmente, repetindo, pela introdução, pelo glossário e pela indicação do cânone musical do autor. É uma ótima introdução à música clássica. Mas, infelizmente, para músicos, a obra não se sustenta, a não ser talvez como bibliografia numa investigação acerca do cânone musical ocidental.

Para músicos, Nestrovski mostra mesmo que, pela sua formação na literatura, ele teria muito mais a oferecer em uma publicação em que traçasse um paralelo entre esses dois mundos, música e literatura: ocasionalmente tão próximos, freqüentemente tão distantes metodologicamente. Se na literatura é tema recorrente, na música a investigação do cânone é uma discussão inexistente. Igualmente, enquanto a literatura já ultrapassou a discussão sobre o suposto erudito, popular ou folclórico, a música perde-se em discussões sobre o papel de música erudita no Brasil de hoje, inundado com a superoferta de produção musical contemporânea.

Para estudiosos da música, é melhor esperar pelo melhor do autor, recomendando o livro a amigos leigos interessados no assunto.

Wolney Unes é doutorando em literatura pela Unesp.